

Turismo Fotográfico

ECOPARQUE SPERRY

Pelos Viajantes da Câmera

Abril 2014

O ambiente natural de canela

por Vitor Hugo Travi

Canela é uma cidade serrana, assentada sobre uma série de nascentes de duas sub bacias hidrográficas. A maior é a do Rio dos Sinos e a menor a do Rio Caí. Dependendo de onde se está, observa-se as águas correm para um lado ou para outro, dependendo para onde a chuva as atira, ou de onde brotam as nascentes. Desta forma ou elas correm para o arroio Caracol e daí para o Caí, ou são drenadas para o Arroio Quilombo, e daí para o Sinos. É uma cidade privilegiada pela sua geografia devido a abundância de águas e a mistura equilibrada entre campos de altitude e florestas com araucárias.

A zona urbana germinou a partir de um ponto favorável de terreno, como um abrigo natural contra os rigores do clima, e se expandiu para o leste, oeste e norte. O lado sul é escarpado e o mais florestado onde pode-se encontrar ainda uma faixa de vegetação nativa contornando a borda do planalto, na direção do vale do Quilombo e do Morro Pelado. Em direção leste, seguindo para São Francisco de Paula, é possível observar a substituição natural das florestas pelos campos de altitudes, nativos da região e utilizados a séculos para a criação de gado.

Com seus 835 metros acima do nível do mar, Canela tem um clima sub tropical de altitude, onde os invernos são rigorosos e com nevascas eventuais. O rigor do clima é um dos tantos atrativos naturais da cidade no inverno, trazendo visitantes de todo o Brasil, principalmente do norte e nordeste. O frio é o diferencial que encanta mas também espanta.

A floresta de araucárias é uma marca registrada da cidade e da região, exibindo os imponentes pinheiros com seus galhos parecendo aranhas gigantes paradas no céu, ou guarda chuvas virados pelo vento que, na primavera, vem fazer a polinização das pinhas, garantido assim o pinhão do outono. Árvores únicas que só existem no sul do Brasil, as araucárias são relíquias que permanecem por aqui desde o tempo dos dinossauros, junto com os xaxins e outras poucas plantas que não se extinguiram. Nesta floresta existe uma fauna espetacular, formada por mamíferos, aves, répteis e anfíbios que se utilizam dos frutos, folhas e sementes para sua alimentação. Bugios, tucanos, lagartos, serpentes, aranhas, insetos e uma legião de cogumelos e organismos microscópios fazem a cadeia alimentar se desdobrar em muitos níveis atestando a boa sanidade do meio ambiente.

O campo nativo, que resiste em algumas manchas na área do Palácio do Governo e alguns condomínios próximos, é o testemunho de um ecossistema que que abriga uma fauna diferente, formada por aves de maior porte e de mamíferos pastadores, como os veados e capivaras. Seriemas e gaviões carrapateiros podem ser vistos perambulando mesmo na zona urbana, movidos por motivos alimentares e de expansão de território.

Na zona urbana a vegetação nativa foi praticamente substituída por uma flora exótica originária de diversos continentes, motivado pela estética e pelo ornamental, como os plátanos, aceres e flores de todas as cores, tamanhos e formas que enfeitam jardins e praças. Uma fauna específica se adaptou a zona urbana, aproveitando-se dos abrigos, alimentos e ausência da maioria dos predadores naturais. Assim, sabiás, tico-ticos, saíras, gambás-de-orelhas-brancas, ouriços e muitos outros elementos são relativamente comuns nos jardins e parques da cidade.

Viver por aqui é um exercício interessante, uma vez que exige disposição e resistência ao frio úmido do inverno, prolongado em alguns anos e que exige malabarismos de vestuário. O fogão a lenha e a lareira são elementos presentes em quase todas as casas, hotéis e pousadas. O cheiro de lenha queimada perfuma as ruas da cidade nos dias gelados, fazendo um contraponto interessante com o frio externo, convidando aqueles que estão nas ruas desfrutando o visual do frio a entrarem para participar do ritual do fogo, comerem um pinhão assado e beberem um chimarrão ou um bom vinho tinto. A fumaça da queima de lenha de acácia é como um sinônimo do inverno na região. As chaminés perfumam a cidade com sua fumaça branca anunciando a estação fria, como em Roma ela avisa a chegada de um novo pontífice.

As festas se tornaram marcas registradas da cidade, como o Sonho de Natal, Festival de Bonecos, Festa da Colônia, Páscoa e Festival de Inverno que atraem milhares de pessoas de todo o Brasil e do exterior. Os finais de semana lotam de curiosos que se deliciam com as decorações sempre muito criativas e interativas, e aproveitam da excelente gastronomia oferecida nos restaurantes do centro da cidade.

Canela é uma cidade de muitos parques naturais. Na sua zona rural existem muitos locais dedicados ao convívio com a natureza, sendo o mais visitado o Parque do Caracol. Na direção sul temos o Vale do Quilombo que abriga o Ecoparque Sperry, um santuário natural com cachoeiras e matas preservadas. Há no município mais de 20 parques naturais e temáticos, criando atração para todos os gostos e bolsos.

Assim é Canela, uma cidade serrana pequena, mas com um coração tão grande que pode abrigar qualquer um que venha conhecer suas virtudes, tanto aquelas da natureza quanto aquelas da zona urbana e de seus moradores.

Conhecer para preservar

Pelo Professor JM Lanita

Sábado, dia 5 de abril, 7h, o ônibus deixou a sede da escola rumo à serra gaúcha, mais precisamente ao Ecoparque Sperry no Vale do Quilombo. A turma chegou pontualmente para o embarque.

Depois de uma viagem tranquila, chegamos ao nosso destino, onde fomos calorosamente recebidos pelo biólogo Vitor Hugo Travi, responsável técnico do parque e do projeto Lobo Guará, este de sua criação, baseado na orientação à educação ambiental com foco na “conscientização e a mudança de comportamento dos jovens frente aos problemas do ambiente em que vivem”, segundo suas palavras.

A caminhada pelos 20 hectares do parque é gratificante, pela proximidade com os cursos de água, as cachoeiras, as cachoeiras e a vibrante natureza.

No almoço do Bêrga Motta vivenciamos a experiência gastronômica que os proprietários chamam de “Comfort Food”. Realmente é um show de paladares e variedades, tudo com muito requinte.

Encerramos este passeio com uma visita ao Castelinho Caracol, onde conhecemos alguns detalhes da vida dos descendentes de imigrantes alemães de Canela.

Com o texto do Vitor Hugo e o olhar dos Viajantes da Câmera, temos a certeza de lhes proporcionar um pouco de conhecimento dessa maravilhosa região da serra gaúcha.

Viajantes da Câmera

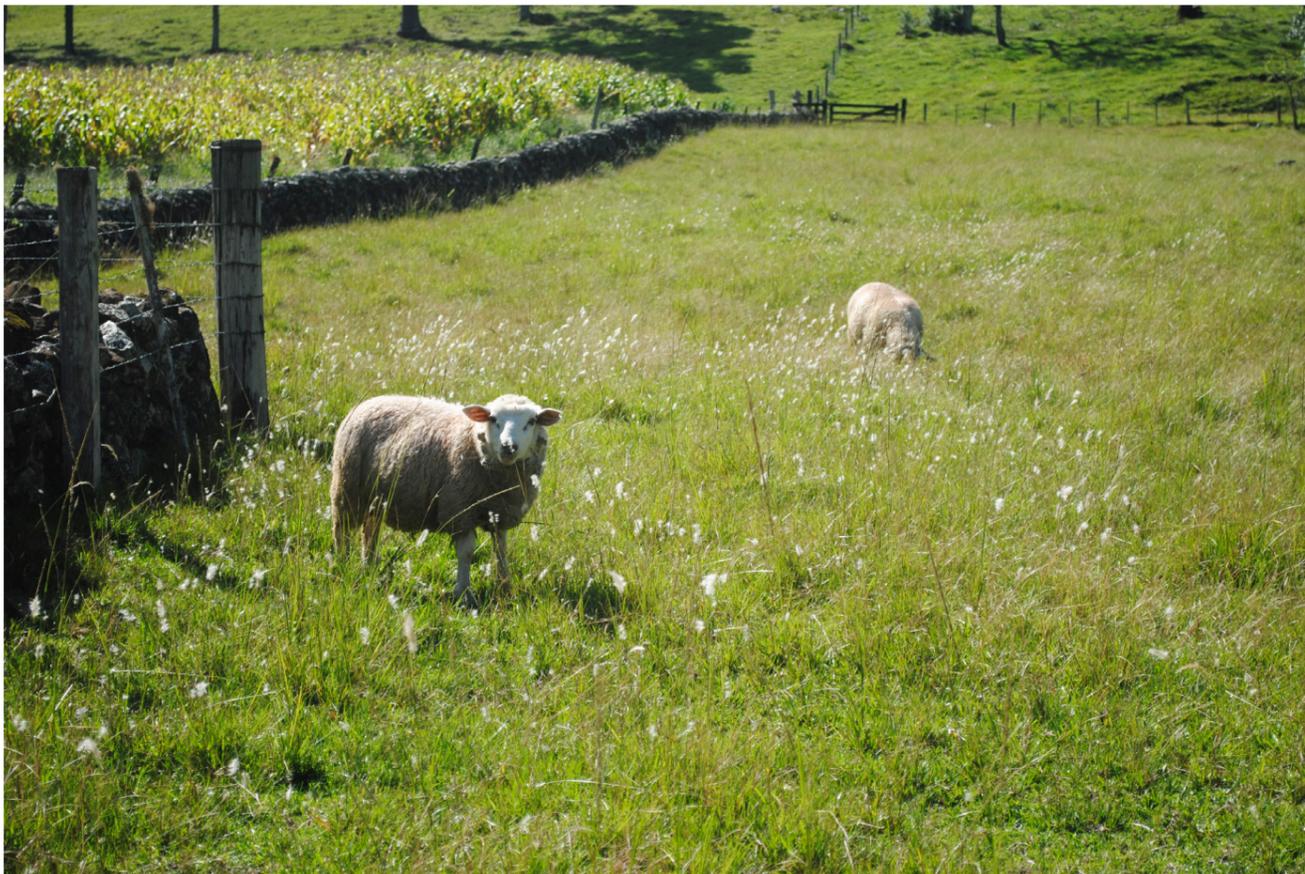
05 de Abril de 2014

<i>Anna Jacy Sherer</i>	06
<i>Fernanda Neres</i>	10
<i>Fernando Scheffel</i>	14
<i>Glória Bauer</i>	18
<i>Prof. JM Lanita</i>	22
<i>Lígia Lúcia Pogorelsky</i>	26
<i>LSchafer</i>	30
<i>Luiza Viégas</i>	34
<i>Marco Aurélio Antunes</i>	38
<i>Martha Brentano</i>	42
<i>Roberto Martinez</i>	46
<i>Robson Schuler</i>	50
<i>Rogério Jacques</i>	54
<i>Bastidores</i>	58





















O olhar de Lígia Lúcia Pogorelsky





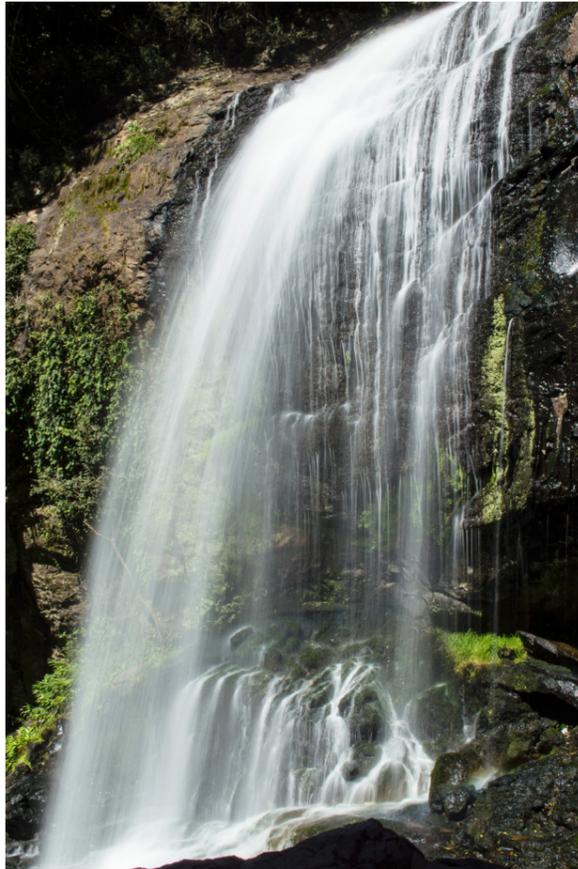




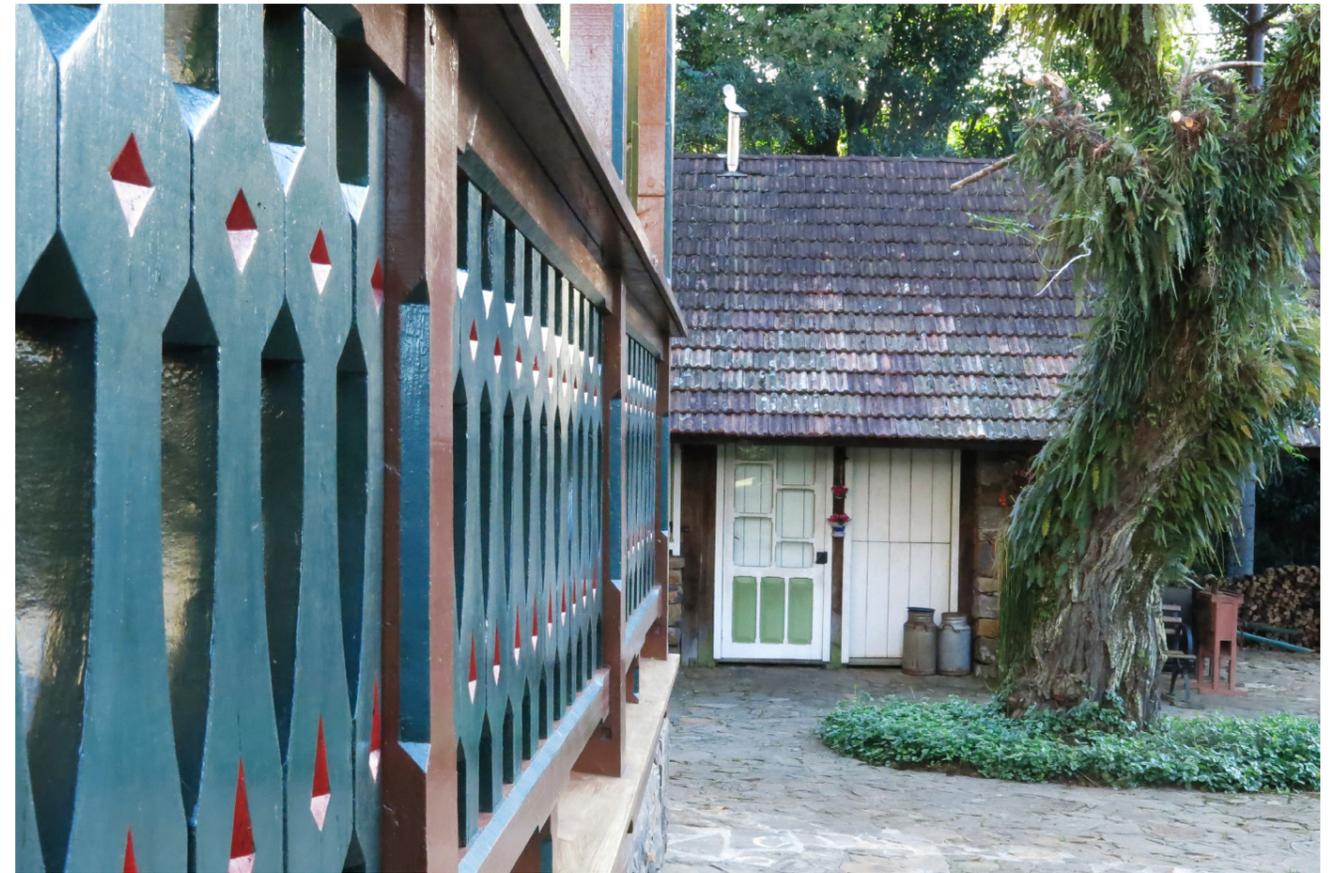












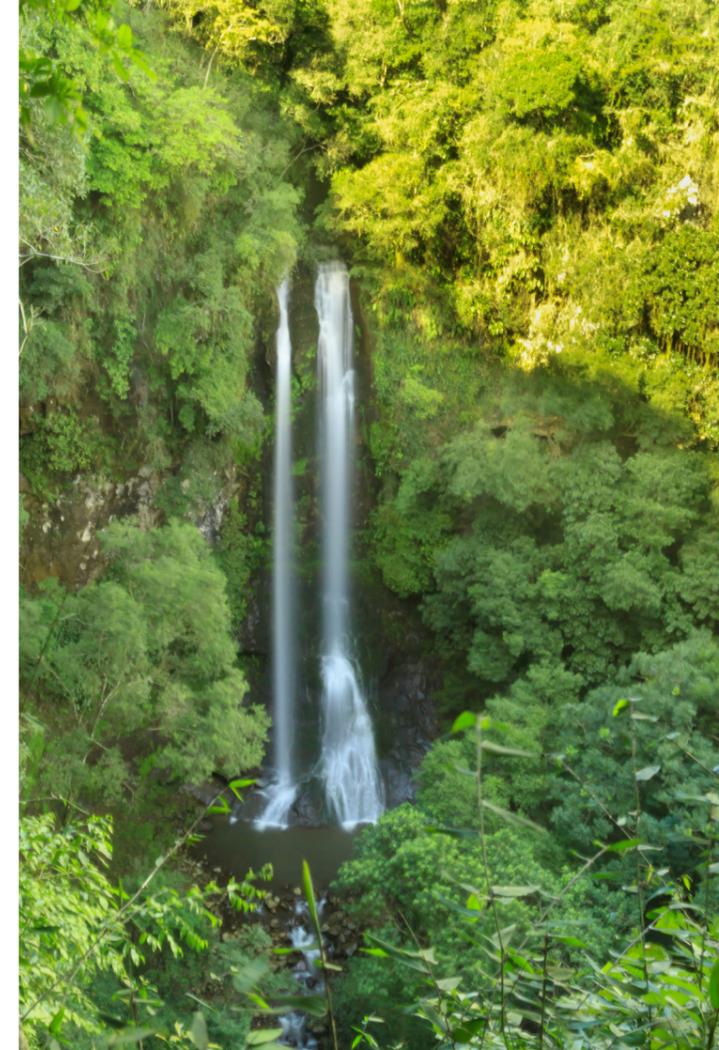
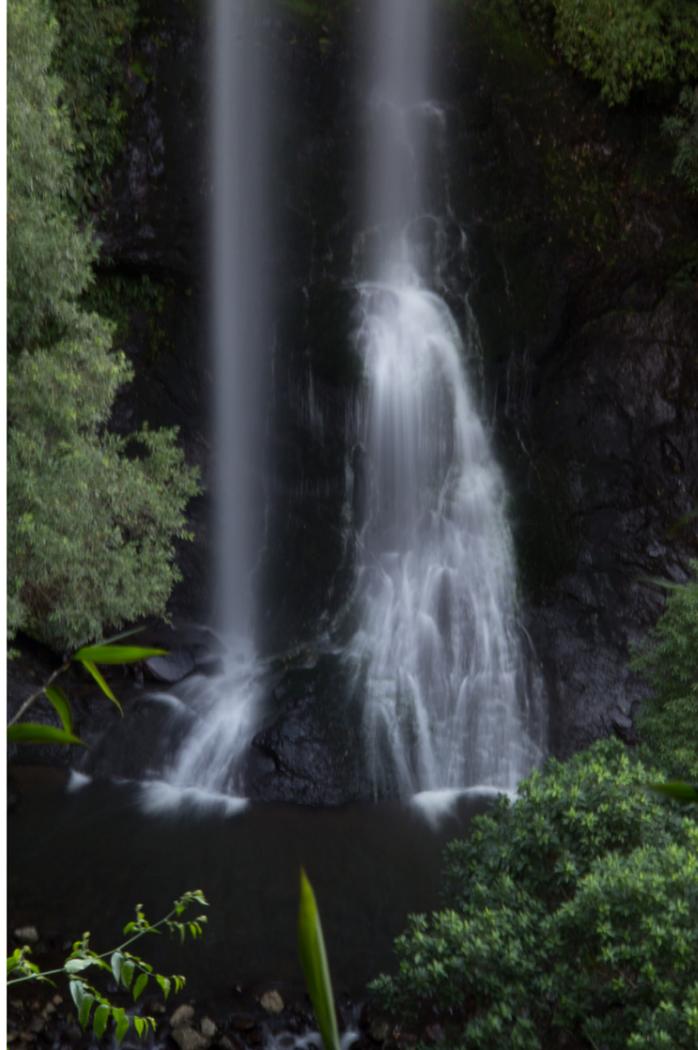












Bastidores



JM Lanita



Luiza Viégas



Luiza Viégas



Luiza Viégas 59

TURISMO FOTOGRÁFICO

CORPUS CHRISTI

FLORES DA CUNHA E ANTÔNIO PRADO

19 DE JUNHO

Informações: 3012 0421 | 8460-0352 | viajante@cameraviajante
www.cameraviajante.com.br